



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 23, v. 1
nov.-dez. 2025
p. 168-190

Intelecto cunt: fazendo psicologias com as travestilidades

(Cunt intelect: making psychologies with transfemininities)

(Intelecto cunt: haciendo psicologías con las travestilidades)

Grecariel Greco Müller dos Santos¹
Debora Emanuelle Nascimento Lomba²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo realizar uma revisão bibliográfica acerca de autoras pesquisadoras de questões gênero – como Jaqueline Gomes de Jesus, Sofia Favero, Viviane Vergueiro, Leticia Nascimento e Jota Mombaça - que possam compor um diálogo com as músicas e falas da artista Linn da Quebrada por uma perspectiva baseada na Teoria Ator-Rede (TAR). Através dessas costuras e fissuras, poder observar o corpo como um ator que intermedeia as relações interpessoais, especialmente os corpos considerados dissidentes, analisando os elementos históricos e sociais que agregam a uma sabedoria e estética travesti, procurando ampliar noções de mulheridade e transfeminilidade. Dessa forma, compreendemos o que as autoras, Linn e eu temos a acrescentar quanto às possibilidades de construir novas narrativas para além daquelas enraizadas por estruturas sociais de opressão. Entre as possibilidades, desenvolver um fazer psicologias que apresente um compromisso em romper com práticas hegemônicas e disposto a ampliar os saberes que se encontram para além das fronteiras da universidade. As provocações que habitam no diálogo entre a fundamentação teórica, música e vivência permitem uma conexão entre psicologia e arte que promove encontros e práticas relacionais de cuidado que são essenciais ao campo da saúde e ao corpo de uma psicóloga travesti. Ampliar as possibilidades não só de fazer psicologias, mas também de construir novas imagens de quem pode habitar e se manter nos espaços acadêmicos e de quem cuida, é acessibilizar os serviços de saúde mental a populações vulnerabilizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Linn da Quebrada. Psicologia e Arte. Teoria Ator-Rede. Travestilidade.

Abstract: This article aims to carry out a bibliographical review about authors who research gender issues – such as Jaqueline Gomes de Jesus, Sofia Favero, Viviane Vergueiro, Leticia Nascimento and Jota Mombaça - that can compose a dialogue with the artist's songs and speeches Linn da Quebrada from a perspective based on the Actor-Net Theory (ANT). Through these seams and fissures, being able to observe the body as an actor that mediates interpersonal relationships, especially bodies considered dissident, analyzing the historical and social elements that add to transfeminine wisdom and aesthetics, seeking to expand notions of womanhood and transfemininities. Therefore, we understand what the authors, Linn and I have something to add regarding the possibilities of constructing new narratives beyond those rooted in social structures of oppression. Among the possibilities, developing psychologies practices that are committed to breaking with hegemonic practices and willing to expand knowledge that lies beyond the borders of the university. The provocations that inhabit the dialogue between the theoretical foundation, music and experience allow a connection between psychology and art that promotes encounters and relational care practices that are essential to the field of health and to the body of a transfem psychologist. Expanding the possibilities not only of making psychologies, but also of building new images of those who can live and stay in academic spaces and those who care, means making mental health services accessible to vulnerable populations.

Keywords: Body. Linn da Quebrada. Psychology. Actor-Net Theory. Transfemininity.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo realizar una revisión bibliográfica sobre autoras que investigan cuestiones de género - como Jaqueline Gomes de Jesus, Sofia Favero, Viviane Vergueiro, Leticia Nascimento e Jota Mombaça - que puedan componer un diálogo con las canciones y discursos del artista Linn da Quebrada desde una perspectiva basada en Teoría del Actor-Red (TAR). A través de estas costuras y fisuras, poder observar el cuerpo como actor mediador de las relaciones interpersonales, especialmente los cuerpos considerados disidentes, analizando los elementos históricos y sociales que suman a la sabiduría y la estética travesti, buscando ampliar las nociones de feminidad y transfeminidad. De esta manera, entendemos lo que

¹ Psicóloga, graduada pela Universidade Santa Úrsula – USU, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: contatogrecariel@gmail.com

² Psicóloga, mestre e doutora pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Instituto ComTAR. E-mail: debora_lomba@yahoo.com.br



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 30/06/2024
Aceito em 13/10/2025

los autores, Linn y yo tenemos que agregar sobre las posibilidades de construir nuevas narrativas más allá de aquellas arraigadas en estructuras sociales de opresión. Entre las posibilidades, desarrollar prácticas de psicologías que presenten un compromiso de ruptura con las prácticas hegemónicas y voluntad de ampliar el conocimiento que se encuentra más allá de las fronteras de la universidad. Las provocaciones que habitan el diálogo entre la fundamentación teórica, la música y la experiencia permiten una conexión entre psicología y arte que promueve encuentros y prácticas de cuidado relacional esenciales para el campo de la salud y para el cuerpo de una psicóloga travesti. Ampliar las posibilidades no sólo de hacer psicología, sino también de construir nuevas imágenes de quién puede vivir y permanecer en los espacios académicos y a quién le importa, es hacer que los servicios de salud mental sean accesibles a las poblaciones vulnerables.

Palabras clave: Cuerpo. Linn da Quebrada. Psicología y Arte. Teoría del Actor-Red. Travestilidade.

1 Introdução

“Baseado em carne viva e fatos reais”. Escolho iniciar minha escrita através deste trecho da música “Bomba Pra Caralho”, de Linn da Quebrada. Presente no álbum Pajubá (2017), acredito que seja uma boa frase de efeito para me apresentar enquanto pesquisadora. Tive a oportunidade de aprender e desaprender, ao longo do processo de produção de um trabalho de conclusão de curso, possibilidades diversas de pesquisar. Uma delas é a de poder escrever em primeira pessoa, de me implicar mais intensamente no texto com a minha carne viva, história e atravessamentos que se fazem presentes a partir do tema.

Durante as inúmeras leituras realizadas para compor esta revisão bibliográfica e do auxílio de minha orientadora, me deparei com autoras e autores da Teoria Ator-Rede que apresentam inovações no ato de pesquisar. Para citar algumas (como a grande maioria das referências é composta por mulheres, utilizarei o feminino): Marcia Moraes, Alexandra Tsallis, Debora Lomba, Ronald Arendt, Annemarie Mol, Isabelle Stengers e Bruno Latour. Através delas, pude perceber o meu jeito de performar ciência e um corpo que pesquisa, que se faz pela conexão e engajamento (Arendt; Moraes; Tsallis, 2015). Não faria sentido para mim escolher um objeto de pesquisa e estabelecer uma postura hierárquica entre pesquisadora e objeto pesquisado. Até porque não foi dessa maneira que nasceu intelecto cunt. Prefiro descrever a relação com a pesquisa como de encontro e a arte como diálogo para produzir realidades. É assim que Linn da Quebrada me atravessa, suas obras potencializam a minha existência (Lomba, 2015). Além da discografia, seus posicionamentos em entrevistas e programas de televisão marcam a presença fundamental de alguém que é dona da própria história e não deixa a sua narrativa ser roubada. Linn da Quebrada me ajuda a ser forte, frágil, corajosa, medrosa e a viver nas inconsistências. Devido a isso, torna-se minha artista inspiração para compor um diálogo necessário junto a Teoria Ator-Rede e autoras da área da saúde que disponibilizam seus corpos e trabalhos com o intuito de desenvolver um debate de gênero digno e fiel às realidades brasileiras. A partir deste rico diálogo, caminho por estas palavras propondo alternativas de atuações dentro da Psicologia que fujam das práticas hegemônicas que perpetuam violências às minorias políticas.



Justamente por não me identificar com a postura hierárquica e hegemônica do ato de pesquisar, recorro ao que Stengers (2006) denomina de “ciência no feminino”, tema que mais autoras da área desenvolverão. A ciência no feminino não significa que apenas mulheres possam produzir conhecimento a partir desta postura e sim um fazerCOM (Moraes, 2010). Ao propor um fazer psicologias COM as travestilidades, convido a mim mesma e a outras travestis a fazerem parte deste processo em pé de igualdade e diálogo. Por elas fui convidada e, estendendo a rede, convido outras para a prática de apropriar-se da posição de autora e provocar novos tremores a partir de óticas que não objetificam, mas potencializam ao desenvolver narrativas que abrem outras possibilidades e caminhos para nós, travestis. Caminhos de prosperidade. Apresentamos em nossas narrativas as relações envolvidas no campo no qual nos implicamos enquanto composição para que, delas, algo se faça existir (Silveira; Conti, 2016). Apresento o verbo no gerúndio (“fazendo”) para que esta seja uma prática de continuidade.

Outra escolha para a composição do título deste artigo foi utilizar “psicologias”. Por que não psicologia? Em O que pode o corpo de uma psicóloga?, Lomba (2016) narra o desconforto que sentiu ao, no início da graduação em Psicologia, se deparar com um professor, Ronald Arendt, que fazia questão de utilizar o termo no plural. A autora descreve a relação com o desconforto e como esse sentimento se transforma ao longo da sua experiência. Ao contrário de Lomba, me deparar com diversas formas de fazer psicologia ao longo do curso foi uma luz no fim do túnel, já que a única psicologia que eu conhecia antes de ingressar na universidade era a psicanálise freudiana e suas neuroses (não tenho nada contra, apenas fico feliz de ter encontrado outras atuações). Minto, também conhecia a psicologia que se preocupava exclusivamente em patologizar corpos como o meu. Acredito que pensar em psicologias é abrir possibilidades de diálogo inéditas. Afinal, eu nunca tinha visto Linn da Quebrada sentar em uma mesa de bar com Bruno Latour e Sofia Favero. Aqui, você vai ver.

Busco por aquilo que Jota Mombaça (2016) chama de “submetodologia indisciplinada”, colocando o meu e outros corpos que não se disciplinaram pelas normas cisheteronormativas na posição de centralidade no debate de gênero. Mombaça apresenta uma postura similar a das companheiras que falam sobre fazer ciência no feminino ao disponibilizar o corpo para a relação com o outro, incluindo a possibilidade do erro. Tendo esta fabricação de ciência como ponto de partida, evoco Bruno Latour para, daqui em diante, compreendermos que redes serão tecidas (Latour, 2013).



2 Intelecto cunt

Em uma noite ordinária, voltava para minha casa do trabalho beirando a madrugada. Caminhava pelas ruas vazias e escuras da Lapa, bairro do Rio de Janeiro que foi minha primeira morada solo. Nos ouvidos, os fones tocavam em último volume músicas aleatórias do aplicativo *Spotify*. Um dos sons que passaram por uma *playlist* desconhecida foi *Cuntelectual*, da artista Urias. A canção faz parte do disco *Her Mind* (2023), o segundo da sua carreira. Embora não fosse a primeira vez que eu me deparasse com o som, era a primeira vez que o escutava. Não só fui capturada pela batida, mas comecei a refletir sobre o nome da faixa, que traduzi na minha cabeça como “intelecto cunt”, duas expressões que eu nunca havia visto juntas, mas abriram um mundo de possibilidades na minha mente, incluindo a possibilidade de escrita para um Trabalho de Conclusão de Curso. Fiz questão de pegar o celular e colocar *Cuntelectual* no *replay* até chegar em casa. Não foi difícil iniciar o rascunho de um clipe na minha cabeça. Confesso que a ideia de me apropriar de um intelecto cunt deixou o meu caminhar mais poderoso neste trajeto trabalho-casa.

Após a criação do clipe imaginário, passei a reunir conceitos e autoras (pretendo continuar utilizando o feminino) que pudessem ser vocais de apoio e bailarinas durante a performance desta escrita. Atendendo ao chamado da Teoria Ator-Rede, Latour (2013) tem muito a acrescentar quando apresenta a noção de rede (*net*, do inglês) como um emaranhado de agentes que tecem uma longa teia. A rede não é só composta por atores humanos e não-humanos que se afetam e promovem atravessamentos, também envolve informações que são passadas adiante e transformadas constantemente a partir das relações.

Veja, o que entendo e vivo hoje enquanto travestilidade não foi construído apenas por mim. Obviamente, o processo de fabricação da minha identidade passou e passa por fases de autodescobertas, mas, ainda assim, do que seriam estas fases sem algumas influências? Provoco a pergunta anterior e, com pouca paciência, já a respondo: muito devo às mais velhas e experientes que me ensinaram e me permitiram viver para que eu possa caminhar mais segura. Graças a elas, aprendi os truques que compõem um intelecto cunt acrescentando as minhas vontades e narrativas. Para que eu esteja aqui desenvolvendo um fazer psicologias com as travestilidades, precisei e preciso delas, assim como me foi essencial a música de Urias, a qual tocava no meu celular, que funciona graças ao técnico que o consertou seis meses atrás, conserto este baseado em uma formação tecnológica, que abarca professores e alunos que afetam a vivência da construção dessas informações e o processo só continua. Neste emaranhado de elementos, a música se presentifica enquanto ator não-humano na composição deste texto, uma vez que me provoca afetações diversas para promover inspirações e diálogos. Para, então, compôr redes inéditas. São teias tecidas com



nós infinitos que constituem uma rede muito anterior à nossa existência.

As coisas, os objetos nunca são objetivos ou neutros - eles trazem consigo o trabalho no tempo de todos os ausentes que participaram na produção daquele objeto. Segundo esta abordagem [TAR], diariamente encontramos inúmeros objetos cujos fabricantes ausentes, embora remontando no tempo e no espaço, estão, entretanto, ativos e presentes nestes objetos fabricados, que não deixam de exercer sua função de atores. (Tsallis; Ferreira; Moraes; Arendt, 2006, p. 61)

Ao pensar nesses nós, também penso em Linn da Quebrada e no resgate à ancestralidade que faz em seu álbum “Trava Línguas” (2021), principalmente na música “dispara”, ao cantar: “nem tudo que vende / Vem de mim ou vem de nós / De nós / é ancestral”.

Em meio a estes nós, o intelecto *cunt* nada mais é do que os saberes ensinados pelas travestis ancestrais a nós, as mais novas que logo seremos madrinhas, com o intuito de ajudar- nos a sobreviver. Nos ensinam sobre as suas perspectivas de travestilidade, que vão se atualizando conforme o conhecimento que é passado adiante pelos atores envolvidos. Assim, ocorrem atualizações sobre as possibilidades de ser uma travesti, incluindo cenários outros para além das ruas, da prostituição, do abuso de substâncias, da marginalidade. Nos colocamos no direito de constituição de famílias, experimentações mais seguras com o próprio corpo, acesso a espaços antes inimagináveis (desde de CEO de uma empresa até poder frequentar uma padaria pela manhã). No início da minha transição, ouvi de uma mais velha que “eu fui ensinada que ser travesti é ter 400ml de prótese”. Porém, percebi no seu tom que não necessariamente ela concordava com tal ensinamento, mesmo tendo colocado 400ml de prótese em cada seio.

As atualizações das informações, que é justamente o que Latour (2013) caracteriza enquanto redes, promovem outras ideias, aberturas e fissuras do que é ser uma travesti. Se flexibiliza a ideia, ao longo dos anos, de uma fabricação de corpo e identidade que não é universal. São atualizações importantes, uma vez que, aos poucos, as meninas compreendem que injetar silicone industrial no corpo e correr risco de morte através de processos invasivos e perigosos não é um caminho obrigatório para ter a legitimação da sua identidade de gênero. As atualizações das informações, portanto, promovem atualização de vidas que não devem se encerrar tão precocemente e de formas cruéis.

Abandonada pelo pai, por sua tia foi criada / Enquanto a mãe era empregada, alagoana
arretada / Faz das tripas coração, lava roupa, louça e o chão / Passa o dia cozinhando pra
dondoca e patrão / Eu fui expulsa da igreja (ela foi desassociada) / Porque uma podre
maçã deixa as outras contaminada / Eu tinha tudo pra dar certo e dei até o cu fazer bico
/ Hoje, meu corpo, minhas regras / Meus roteiros, minhas pregas / Sou eu mesmo quem
fábrico

O trecho disponibilizado acima faz parte da canção “A Lenda”, de Linn da Quebrada,



disponível no álbum Pajubá (2017). Tal como Linn, contarei, ao longo do texto, fragmentos da minha história como contexto ou, como diria Butler (2015), um relato de si mesmo. Neste caso, um relato de mim mesma, entendendo a importância de que narrativas vindas da perspectiva de pessoas trans e travestis possam ocupar territórios não apenas marginalizados, mas de autoras das próprias histórias. Fabricar, portanto, “meu corpo, minhas regras / Meus roteiros, minhas pregas”.

Em *Relatar a si mesmo*, Butler (2015) escreve como a moralidade construída a partir de um referencial cisheteronormativo branco afeta diferentes corpos de maneiras distintas. Aqueles que seguem a norma estabelecida são capazes de passar pelo convívio social sem grandes conflitos e têm acesso a espaços privilegiados e de poder. As narrativas de corpos dissidentes à norma, portanto, apresentam um outro ponto de vista e demonstram a importância de apropriar-se das suas histórias para além das violências experienciadas. Seria falar com a própria voz e tomar o relato de si como o poder de relatar vivências a partir de uma perspectiva antes ignorada, se deslocando da abjeção para uma condição de humanidade e dignidade. De acordo com Meinhart e Schimdt (2023), o poder de narrar a si é fundamental para uma construção identitária, seja individual ou coletiva. O ato de narrar-se apresenta, então, o potencial de fortalecer a construção de si e de organizar pautas quando se trata de determinados grupos identitários ao localizar demandas específicas.

Para escrever este trabalho, me inspiro em outras travestis acadêmicas que há anos cortam com facões as matas densas destas trilhas para que eu possa caminhar com maior tranquilidade, porém não sem obstáculos. O presente texto se encontra profundamente irrigado por autoras como Sofia Favero, Jaqueline Gomes de Jesus, Jota Mombaça, Leticia Nascimento e Viviane Vergueiro. Dessa forma, acredito que contar a própria história seja um caminho possível para a humanização de corpos não hegemônicos e potência para demonstrar os espaços que nós, travestis, podemos alcançar e estamos alcançando.

Cantero-Sánchez (2019) descreve como assombro (mais especificamente, o assombro feminista) como a experiência de vivenciar, se espantar e então provocar mudanças a partir de um choque quanto a estruturas sociais de opressão. Assim, me considero uma pessoa assombrada, uma vez que opressões e expectativas de gênero foram violentamente impostas a mim desde a infância. Para a infelicidade daqueles ao meu redor, nunca vi sentido na necessidade de ser aquilo que queriam que eu fosse: um homem. Alinhado a isso, todas as expectativas da performance de uma masculinidade hegemônica com base em características biológicas do meu nascimento, essas também dignas de questionamento.

Em seu artigo *Travestis Envelhecem?*, Antunes (2010) questiona a dinamicidade no processo de designar gênero ao nascimento. E se, por sua vez, a dúvida em relação a este



processo emerge, acaba sendo alvo de deslegitimação, já que gênero é, pelas práticas médicas e das áreas psi (aqui incluo psicologia, psicanálise e psiquiatria), associado como inato ao que o corpo e seus componentes apresentam, mesmo quando se trata de um corpo intersexo. O autor referencia historicamente a Revolução Industrial ocorrida na Europa nos séculos XVIII e XIX, responsável por um processo de urbanização veloz e ascensão da burguesia. Sendo assim, os corpos considerados como aqueles incapazes de reproduzir e de participar ativamente da absurda rotina de trabalho, eram passíveis de patologização e empurrados à margem da sociedade. A partir deste processo, portanto, pessoas idosas, com deficiência, intersexo, trans, homossexuais e outras que apresentassem um corpo, performance de gênero ou desejos afetivos que não estivessem de acordo com a cisheteronormatividade se deparavam - e nos deparamos até hoje - com: 1) um sistema de governo e econômico que negava direitos básicos e 2) um sistema de saúde preocupado apenas em realocar estes corpos para condição de abjetos.

As construções quanto a corpo e gênero produzidas nos séculos XVIII e XIX promoveram estruturas materiais até na contemporaneidade, especialmente quando a Medicina e a Psicologia - com “M” e “P” maiúsculos, considerando estes dois agentes enquanto instituições fundamentais para criar, legitimar e perpetuar condições para a divisão da população mundial a partir de classificações como raça, sexo e gênero - se implicaram em elaborar trabalhos que contribuíram com a patologização, cárcere e assassinato destes corpos ao inventar biológicas. Quando uso “inventar biológicas”, não nego o corpo físico, mas a convenção construída por um saber branco, eurocêntrico, burguês e cisheteronormativo de que “útero” é sinônimo de “feminino” e “pênis” é sinônimo de “masculino”. Quais efeitos estes conhecimentos extremamente parciais e parte de um projeto político continuam produzindo na prática da área da saúde atualmente? Não apenas na área da saúde, mas ao invadir e colonizar o senso comum. Mais à frente aprofundarei este tópico, evocando Letícia Nascimento e Jaqueline Gomes de Jesus para dialogarmos sobre transfeminismo.

Após um breve contexto histórico, retorno ao meu relato: na adolescência, impossibilitada de ter uma convivência sadia em casa, busquei os saberes da rua, onde encontrei acolhimento junto a outras travestis e passei a frequentar o ambiente *ballroom* em território carioca. A cultura *ballroom* teve início na Nova York dos anos 70 e chegou ao Brasil na década de 2010. Sendo uma ocupação realizada principalmente por mulheres trans, pessoas pretas e latinas, se caracterizou não apenas pelas categorias de dança e performance, mas por estabelecer redes de apoio para aqueles expulsos de suas casas muito jovens. Dar materialidade à *ballroom* da Areninha da Maré até eventos culturais de grande porte através de editais é subverter a ideia de que política se faz apenas no Senado Federal.



Este espaço permitiu e permite a muitas outras travestis, pessoas trans e corpos dissidentes não só performarem seu gênero como serem admiradas por isso. Ali, me sentia sendo admirada e incentivada para poder vivenciar o meu corpo, não o corpo que outros diziam que eu deveria ter. Nas passarelas do salão de baile era o lugar onde eu contava a história que eu trazia comigo e me apropriava dela.

Para além da vivência dos bailes, a cultura *ballroom* é um território de acolhimento, aprendizado e organização política. Ao se posicionar como resistência frente à realidade latino-americana de violência extrema contra corpos trans e pretos, orienta-se contra a marginalização de comunidades para assim estimular, dentro das suas famílias e organizações, bem-estar social (Santos, 2018). Com o objetivo de ilustrar a gravidade de tal realidade, apresentarei alguns dados de forma breve: segundo o Dossiê de Assassinatos e Violências Contra Travestis e Transexuais Brasileiras em 2023 (Benevides, 2024), embora o Brasil acabasse de sair de um governo de extrema direita, circularam na política, mais de trezentos projetos de leis que visavam institucionalizar políticas antitrans. Além disso, o mesmo dossiê constata que, por mais de dez anos seguidos, o Brasil continua sendo o país que mais assassina, com requintes de crueldade, pessoas trans e travestis no mundo.

Nas cenas de baile, é recorrente a expressão *cunt*, que vem do inglês e é um termo pejorativo para se referir a vulva. A comunidade *ballroom* estadunidense, principalmente as mulheres trans, se apropriou da palavra para associar *cunt* a uma performance de poder e apropriação de uma feminilidade que vai além de características físicas. O termo ainda hoje é usado também como forma de xingamento a figuras femininas, xingamentos estes geralmente proferidos por homens para dizer que uma mulher é vadia, medrosa, fresca e outras variedades de palavras que uma sociedade patriarcal denomina aquelas que não estão alinhadas a uma lógica de submissão e subserviência.

O *cunt* está presente tanto na performance dançada quanto na performance do dia a dia. É o que faz com que as pessoas olhem para você e, admiradas, queiram continuar acompanhando e se aproximar. Nas batalhas, é comum ouvir que qualquer um pode aprender a técnica para dançar, mas o *cunt* ninguém ensina, uma vez que cada uma tem o seu e cabe a si mesma desenvolvê-lo. Conforme elaborei anteriormente trazendo Latour (2013), o *cunt* é uma obra nunca finalizada de uma rede contendo atores que promovem informações, essas passadas adiante e influenciadas pelas próprias identificações. Considerando que *cunt* é um elemento próprio que instiga e atrai as pessoas a prestarem atenção em você e no que se tem a falar, faz sentido para mim pensar que *cunt* é a minha forma de me relacionar, pensar e me colocar no mundo. Acessar um intelecto



cunt, portanto, é acessar conhecimentos feitos por e para pessoas trans e travestis que envolvem, principalmente, táticas para sobreviver e demonstrar excelência nos feitos dentro do país que mais nos mata no mundo inteiro. Conhecimentos estes que são possíveis apenas através das redes que compõem comunidades de minorias políticas, unidas com objetivo de sobreviver e prosperar. Não há nada mais intelecto *cunt*, por exemplo, que o Pajubá, língua criada pelas travestis durante a ditadura militar brasileira para que elas pudessem se comunicar entre si sem que as autoridades policiais compreendessem o que estava sendo dito.

Aprendi o meu *cunt* dentro da *ballroom* compreendendo o que aquele espaço representava para mim. Para além da diversão, era uma comunidade que me abraçava, independente da leitura de gênero que na época habitava o meu corpo. Na cena de baile, a palavra travesti tem muito peso, pois este universo começou através de nós. Somos as *femme queens* (em tradução livre, as “mulheres rainhas”). Por compreender este peso, que era acima de tudo político, levei um tempo até me reconhecer enquanto travesti, pois sabia que com tal reconhecimento viriam responsabilidades de dentro e fora da comunidade. Assim como afirma Sousa (2023, p. 10), “não se tratava de apenas mais uma festa, mas sim, um lugar de difusão identitária, política e cultural.” Além dos eventos de celebração, organizávamos rodas de conversa, campanhas para auxílio de pessoas em situação de vulnerabilidade e nos reuníamos em comunidade para compreender as demandas existentes dentro de um grupo de pessoas pretas, pobres, trans, travestis, não-binárias, gordas, pessoas vivendo com HIV, homossexuais, lésbicas, entre outros corpos que fazem parte de grupos considerados dissidentes. Fazíamos política.

Recordo-me de quando, em uma *ball* (evento onde a comunidade se reúne para realizar as categorias estabelecidas e premiar suas vencedoras), antes que eu me denominasse travesti, mas já assumindo meu espaço enquanto pessoa trans, uma travesti mais experiente com quem eu conversava me olhou de cima a baixo, tirou o cigarro da boca e, enquanto a fumaça contornava o movimento de suas palavras, me disse: “A senhora sabe que é mulher, né?” As cordas vocais chegaram a se contorcer para dar uma resposta positiva, mas a sua abordagem foi tão surpreendente para mim que consegui apenas ficar em silêncio e sustentar nossos olhares conectados. Ela sorriu e completou: “Respeite o seu tempo. Mas mulher tu é. E quando colocar para o mundo estarei aqui.” Narro este momento específico, que não foi isolado, para retratar que a *ballroom*, naquela época, era o único espaço onde experimentar o que eu gostaria de performar enquanto feminilidade era um processo digno de ser celebrado. Graças a este processo, pude ter forças para alcançar meu lugar enquanto travesti em qualquer ambiente que colocasse os pés. Obviamente, carrego o meu *cunt*.



Considerando que meu *cunt* estará presente ao longo deste artigo, aqui também me posiciono, ousadamente, na condição de pesquisadora, que exige uma postura de narradora. No entanto, não estarei sozinha. Este *cunt* que carrego - ou este axé - carrega o conhecimento daquelas que me acolheram e foram generosas a ponto de compartilhar seus segredos de prosperidade e sobrevivência comigo.

Ao se tratar da produção de um trabalho acadêmico e da posição que ocupo enquanto autora, me inspiro na fala de Moraes (2011) ao afirmar que o ato de narrar é sempre parcial e parte de algum lugar. A escrita que aqui desenvolvo acaba sendo influenciada, inevitavelmente, pelos meus interesses no campo das construções de gêneros dentro da psicologia e quais contribuições desejo deixar. Além disso, parte de uma corpa travesti, branca, sem deficiência, dançarina, escritora e carioca. Utilizo “corpa” exclusivamente neste momento como alternativa para distorcer a palavra “corpo”, reiterando condição de dissidência. Condição essa não como forma de diminuir a minha existência. Pelo contrário, corpa é a potência de existir para além das expectativas alheias e imposições sociais. É uma forma de dizer “estou e continuarei viva”.

3 Somos a nova Eva

O desafio de encontrar materiais acadêmicos produzidos por e para pessoas trans e travestis é grande e exaustivo, uma vez que, durante muitos anos, medicina e psicologia se apossaram do discurso de gênero para categorizar corpos dissidentes e popularizar ideias excludentes sobre nós com base em biologias inventadas (Antunes, 2010). A dificuldade não é a inexistência destes materiais e sim a falta de reconhecimento quanto à importância de tais produções.

As práticas em psicologia adotaram o essencialismo biológico para lidar com pacientes que não se encaixassem na cisheteronormatividade branca. Além de conceitualizar a heteronormatividade como a ideia de que ser e se portar como uma pessoa cis e heterossexual é a única forma correta de ser e se relacionar, Jesus (2013) aponta que até o final do século XX a hoje conhecida como “cura gay” era uma prática aprovada entre os psicólogos. Cisnormatividade, portanto, se estabiliza enquanto uma série de dispositivos que legitimam a cisgeneridade enquanto característica inata e essencialmente saudável ao ser-humano (Bagagli, 2013). É possível observar que o conhecimento dado como científico não parte de uma verdade imutável, é fruto de produções de saberes que emergem de algum espaço, ainda que promova violências nas práticas profissionais e validem essas mesmas violências no cotidiano. Lomba (2016) descreve que a partir das nossas produções, fazemos existir realidades. Aponta, ainda, para a possibilidade de uma ação que seja desviante daquela que predomina a narrativa científica, que ainda é baseada em uma perspectiva



masculina, eurocentrada e cisheteronormativa.

Sofia Favero (2020b) chama atenção para uma mudança das travestis da posição de “pesquisadas” para “pesquisadoras”. Percebo essa mudança não só como um fator que altera a dinâmica de produção de trabalhos acadêmicos, mas cumpre um outro papel, que é o de produzir realidades distintas daquelas que conhecemos quando se trata de violência médica ou de qualquer profissional da saúde contra a população trans e travesti. Amplia, como consequência, as possibilidades de compreensão em relação aos lugares que pessoas trans podem ocupar na sociedade. Em outras palavras, também possibilita ser humana. Afinal, onde estão as travestis?

Em entrevista ao programa Saia Justa de 2021³, Linn da Quebrada afirma que não acredita em essência, e sim em existência. Existe uma essência feminina e masculina? Existe algo que define universalmente o que é ser mulher ou homem? Ou uma pessoa não binária? A medicina, como nas leituras citadas anteriormente, essencializa o gênero e inventa o sexo biológico através das genitálias e também pela cor da pele, uma vez que, inicialmente, a desumanização de pessoas negras era tamanha que a possibilidade de gênero era atribuída apenas a população branca. Essa ideia ignora, por sua vez, o fato de que ter (para além de “ser”) um corpo feminino/masculino/não binário está ligado aos referenciais construídos quanto ao que é ser/estar feminino/masculino/não binário, às relações interpessoais e às próprias identificações. Assim como também ignora – e mutila – a existência de pessoas intersexo. “O gênero é uma construção deliberada e não um processo natural” (Antunes, 2010, p. 03). Construir e performar o gênero no corpo, portanto, não é um processo exclusivo a pessoas trans, mas igualmente intenso (obviamente que com diferentes atravessamentos) para pessoas cis.

Quando Viviane Vergueiro (2020) descreve a relação entre projetos coloniais e criminalização/patologização de pessoas que não correspondem à cisheteronormatividade branca, coloca enquanto uma das consequências a elaboração de manuais como CID e DSM. Se portam enquanto dispositivos que atravessam a possibilidade de que possamos construir um relato de nós (Butler, 2015) sem a necessidade de ter laudos médicos comprovando alguma patologia para que o nosso acesso a recursos de saúde aconteça.

Na música “Transudo”, do álbum Pajubá (2017), Linn da Quebrada canta: “não sou de contar mentira, mas invento minhas verdades”. Ao ouvi-la, penso que performar o próprio gênero envolve inventar/fazer o próprio gênero. É um infinito processo de performar a si, tendo como consequência o que Annemarie Mol (2008) chama de formas de fazer a realidade. Em seu texto *Política ontológica: algumas ideias e várias perguntas*, a autora apresenta a possibilidade de

3 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KnKxTgPaiLE>



perceber a realidade, ou melhor, as realidades, enquanto algo que não é apenas observado, mas performado. Mol aponta para uma escolha deliberada da medicina ao dividir populações através de sexo masculino e feminino, ignorando os infinitos desvios desta verdade inventada. Desvios estes que facilmente pulverizariam tal verdade. Apesar de inventada, a divisão de populações baseada em sexos faz realidades e provoca performances a partir do que está dado enquanto aquilo que deve ou não ser traduzido no corpo em obediência a uma estrutura binária de sexo/gênero.

Ao me deparar com estes processos de essencialização do corpo, penso em como Bruno Latour (2008), fala do corpo como um ator (ator sendo aquilo que provoca agência) que afeta e é afetado através do movimento que faz nas suas relações com as pessoas e com o mundo. Ter um corpo é aprender constantemente e ser sensível. Sendo assim, se “adquirir um corpo é um empreendimento progressivo” (Latour, 2008, p. 40), se adquire progressivamente e através de muitos esforços/experimentações, um corpo feminino/masculino/não binário. Acho interessante que Latour (2008, p. 43) fale do “sujeito articulado” como “alguém que aprende a ser afetado pelos outros”, ou seja, alguém que não repete eternamente as mesmas ideias que, provavelmente, nem suas são. Ao falar de articulado, penso justamente na articulação, anatomicamente, como as partes do corpo que permitem movimento e dobra.

Acho engraçado, toda vez que me deparo com a importância que Latour destaca sobre ter um corpo sensível, um corpo que afeta e é afetado. Assim como acho curioso a forma como algumas psicologias se apropriaram da expressão “afeto” justamente para indicar a relevância de um corpo de psicóloga que afeta e é afetado, ou seja, estabelece uma relação com atores humanos e não-humanos de forma mais horizontal, permitindo o reconhecimento da própria humanidade e do outro. Uma psicologia das afetações.

Tenho incontáveis memórias da minha infância enquanto uma criança viada nas quais pessoas ao meu redor - principalmente aqueles que me criavam – reclamavam dos meus trejeitos, das minhas munhecas, da minha voz fina – olhe só, aos sete anos de idade não pode ter voz fina, viu – do meu caminhar reboativo, da minha dança e da minha existência como um todo. Eu era expulsa de espaços, afastada de pessoas, levava tapas na bunda e recebia olhares apavorados. Elevavam o tom de voz, erguiam o dedo e trovejavam: “você não pode ser assim... AFETADO!” Atualmente, a psicologia que desejo performar me pede afetação. Estaria essa psicologia me exigindo praticar bicharias?

Em entrevista ao programa do YouTube DiaCast, no ano de 2022⁴, Linn da Quebrada relata que, no início da carreira, uma grande parte do público que ouvia os seus trabalhos tecia uma

4 Disponível em: <https://youtu.be/6Q8Q5NwQa34?si=t5kprC7IS9Q17f5n>



crítica negativa, questionando se as suas obras eram realmente música, já que não se encaixava em um gênero musical específico e desafiava estruturas clássicas de hits do pop, dificultando uma dança usual e já coreografada. Os hits clássicos do pop, para Linn, fazem as pessoas dançarem coreografias repetidas. O seu trabalho, portanto, desafia coreografias já aprendidas e provoca o público a criar novos movimentos. Ela diz que essa “crítica” a deixa contente, pois está na hora de dançarmos novas coreografias, criarmos novos movimentos e, através deles, desenvolver estratégias que culminem na emancipação da nossa população.

O movimento que se constrói a partir das novas coreografias sociais promovem outras formas de entrar em contato com os corpos. Por exemplo, os relatos de experiências afetivo-sexuais que Linn traz, principalmente no seu álbum *Pajubá* (2017) são referências de buscas de novas formas de se relacionar e modelos de relacionamento que, ao invés de servirem enquanto táticas de opressão e violência, se colocam enquanto realidades que potencializam nossas existências. Neste campo, Linn da Quebrada firmemente posiciona suas vontades perante ao outro não como domínio, mas identificando quais relações colocam seu corpo em situação de perigo. A partir disso, a artista entra em um processo de buscar outros afetos que antes lhes eram colocados como errados. Se distanciando do desejo direcionado exclusivamente a homens que performam uma masculinidade hegemônica, em “Enviadescer” ela canta: “Eu gosto mesmo é das bixa / Das que são afeminada / Das que mostram muita pele / Rebolam, saem maquiada”. Na minha percepção, há no álbum “*Pajubá*” (2017) o retrato de um intenso processo de revisão de encontros que despotencializam, procurando experienciar afetos mais seguros. São novas coreografias que levam a vivências inéditas e potentes com o corpo. Há, em *Pajubá* (2017), um explícito movimento do que aqui denomino enquanto intelecto cunt. Neste álbum, Linn compartilha, sem pudores, as feridas e processos que possibilitaram a construção de uma outra realidade para si e para outras, fosse no campo do afeto ou do status social. É mais uma promoção de diálogo que visa realizar denúncias e propor novas coreografias.

Dialogando com Latour e Linn, Matha Ribeiro (2023, p. 56) coloca o “corpo-teatro” como “um corpo que não é nem corpo blindado e nem corpo fantasma, e sim um corpo-poroso, permeável, capaz de inventar um novo campo ou mapa de afetos, potencializando e afirmando a vida na (re)invenção e no cuidado de si.” Acredito que atingir um “corpo-teatro” é justamente o processo descrito no parágrafo anterior quanto ao “*Pajubá*” (2017).

A partir destes dois autores e de Linn da Quebrada, penso na potência de suas ideias para pessoas trans como possibilidade de ter domínio sobre o próprio corpo e não ser o que, penso eu, é um “corpo espetáculo”. O corpo espetáculo, ao contrário do que dizem Latour e Ribeiro, é



um corpo que não existe na condição de humanidade, mas enquanto objeto passível de violência e isolamento. O corpo espetáculo promove ao espectador o show do que as opressões médicas, psicológicas, sociais e policiais são capazes de fazer. O corpo espetáculo passa na televisão sendo espancado à luz do dia, está nas esquinas de prostituição, está abandonado pelo Estado, está à mercê de sofrer inúmeras violências sem ter um pinga de compaixão de quem o vê. Na verdade, a sua violência torna-se entretenimento. Corpos negros, indígenas, pobres, mulheres, LGBTQIAPN+, com deficiência. O nosso sofrimento e precariedade torna-se entretenimento.

Sofia Favero (2022) se refere ao corpo como matéria que precisa ser materializada. As materialidades que compõem um corpo não se limitam a fatores biológicos nem físicos. O processo de fabricação de um corpo é como um pedaço de argila que, em um primeiro momento, é atirado ladeira abaixo, rolando e grudando em si pedaços de terra, folhas, insetos e fezes. Quais materiais continuarão em sua superfície? Quais irão adentrar a sua pele e se infiltrar nas correntes de sangue e de memória? Que possamos, agora, perceber estes fragmentos como fragmentos de uma realidade, fragmentos que representam aspectos culturais que são aprendidos, impostos, apropriados e ressignificados. A matéria do corpo envolve um sujeito implicado em sua cultura de tal forma que pode ressignificá-la e transformar as redes envolvidas em seu processo de materialidade e fabricação. A partir deste processo, nascem performances.

Te convido aqui a fazer um breve exercício. Não sei onde está lendo este texto agora. Caso seja em casa, pense em algumas referências. Caso esteja em um espaço público, olhe ao redor. Perceba as pessoas que você lê enquanto corpos femininos. Perceba as pessoas que você lê enquanto corpos masculinos. Permita-se a confusão, caso ocorrer. Todos os corpos lidos enquanto femininos performam a feminilidade exatamente da mesma maneira? Todos os corpos lidos enquanto masculinos performam a masculinidade da mesma maneira? Tais diferenças deslegitimam uma variada performance de feminilidade e masculinidade? Acredito que seja importante começarmos a falar em feminilidades e masculinidades, assim como estamos falando de psicologias.

Não são todos os corpos, porém, considerados humanos a ponto de serem dignos de materialidade, uma vez que suas vidas não importam para o sistema socioeconômico vigente. Volto a pensar na ideia de rede (Latour, 2013) como fenômeno essencial para a materialização de corpos, principalmente aqueles considerados dissidentes, pois empurrar indivíduos para a condição de corpo espetáculo demanda que estes produzam esforços infinitamente mais intensos para existir. Faz-se imprescindível, portanto, uma rede fortalecida que nos suporte.

Retornando à entrevista de Linn ao programa DiaCast em 2022, a artista comenta sobre a sua participação no reality show Big Brother Brasil, na edição do ano anterior. Vale lembrar que,



em 24 anos de programa, apenas duas travestis estiveram presentes no elenco: Ariadna (edição de 2011 e a primeira participante eliminada) e Linn, onze anos depois. Na entrevista, Linn reconhece a importância da sua participação como uma forma de se apresentar a todo o Brasil através de um veículo de mídia altamente assistido. O Brasil recebia em sua casa uma travesti todos os dias. A autora dos álbuns *Pajubá* (2017) e *Trava Línguas* (2021), relata que queria que a população nacional pudesse se acostumar a ver travestis ocupando outros lugares e realizando tarefas cotidianas, como fazer café e lavar louça.

Jesus e Alves (2010) apontam que o movimento político transfeminista promove uma visibilidade relevante à população trans e travesti nacional, compreendendo a possibilidade e o direito de ocuparmos espaços na política, na educação e na saúde. O movimento relacionado à visibilidade dessa população se posiciona em via contrária ao que as produções audiovisuais brasileiras estão acostumadas, propositalmente, a espetacularizar. São as situações de marginalidade, precariedade, o trabalho forçado na prostituição. Obviamente, não nego que a marginalidade, a precariedade e o trabalho forçado na prostituição sejam realidades para a grande maioria de nós. Porém, há neste movimento audiovisual uma estratégia que visa focar nas precariedades como forma de condenar a existência travesti e determinar que não há outro caminho possível senão a miséria (De Jesus; Alves, 2010).

Retornando ao processo descrito em “*Pajubá*” (2017) no campo não só da construção de novas afetividades, mas da constante construção de um corpo bixa travesty (utilizando aqui a grafia da música do álbum *Pajubá*, de 2017, e do documentário de 2018 de mesmo nome⁵) é possível perceber a importância da presença de artistas como Linn nas mídias audiovisuais como combate a narrativas retrógradas que colocam pessoas trans e travestis apenas em condições de precariedades e reforçam estereótipos. Se uma travesti aparece todos os dias em rede nacional lavando uma louça, papeando aleatoriedades com as amigas, fazendo piada e conquistando o público brasileiro, é possível perceber que essa conquista promova redes nas quais alguém antes receoso com nossos corpos passará por nós na rua e, ao invés de ter medo ou debochar, entenderá que também somos humanas, uma vez que estaremos sendo visualizadas em cenários outros daqueles impostos a nós (a marginalização, a precariedade, a inexistência à luz do dia, a prostituição). Não que sejamos dependentes do aval alheio para merecermos respeito, mas processos como este são faíscas para o início de novas coreografias.

Lembro de quando o programa *Big Brother Brasil 22*, com a Linn no elenco, estava no ar. Em uma noite após a exibição de um episódio, recebi uma ligação de minha mãe. Ela disse:

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=76-Up6y7Axw>



“filha, você está assistindo BBB? Conhece a Linn da Quebrada? Estou achando-a maravilhosa, me encantei! Sabe, agora começo a compreender algumas coisas que você me dizia antes...” não bastava apenas a minha existência, minha mãe precisava ouvir e se encantar por outras. Precisava ser contagiada pelo intelecto cunt.

Ao perceber a construção de mulheridades e os padrões estéticos e comportamentais que são socialmente impostos para o ser feminino, Nascimento (2023) aponta que o gênero feminino não pode ser visto como categoria única, uma vez que, pela “fabricação de nós mesmas”, existem diversas formas de ser (e acrescento “estar”) mulher. O padrão europeu, branco, burguês e cristão não pode, portanto, ser a única referência de feminilidade.

Aliada a Nascimento (2023), Jesus (2014) traz o percurso do transfeminismo no Brasil como forma de preencher uma lacuna do feminismo de base essencialista biológica. Sendo assim, reconhece o gênero como uma característica distinta de sexo biológico. O transfeminismo passa a nomear a cisgeneridade também como identidade, se referindo a pessoas que se identificam com o gênero atribuído/imposto ao nascimento (Bagagli, 2013). Acredito que nomear e apontar a cisgeneridade como ponto parcial em uma narrativa (Moraes, 2011) a desloca, de maneira inédita, para uma condição de estabilidade provisória (Law, 1993) colocando a prova uma essência associada ao gênero. Dar nome à cisgeneridade e a pessoas cis, assim como dar nome à branquitude enquanto um marcador social, é retirar estas condições do lugar de norma e de “normal” / “natural”.

Assim como Jaqueline Gomes de Jesus e Letícia Nascimento criticam uma vertente do feminismo de base essencialista biológica, penso que não apenas colocar a biologia enquanto essência é um grande perigo na relação terapêutica, mas outras características também. Algumas psicologias se preocuparão em definir arquétipos e tipos de personalidades para atribuir a um paciente como estratégia de planejar um processo terapêutico. É importante ressaltar que não há imposição de essência em campo algum quando se trata de um fazer psicologias COM. A prática que aqui proponho é justamente uma atuação que recuse a essência de comportamento em alguém como um fato inquestionável e decidido estritamente pela figura autoritária de quem atende. Impor uma essência que compõem o sujeito ou um grupo de pessoas é limitar suas possibilidades de performar em suas realidades. Portanto, me interessa o caminho de acreditar em existências que são fluidas na sua forma de performar determinados papéis e compreender as histórias de vida e construções realizadas para chegar em certos lugares, que não é uma linha de chegada que representa o fim, mas uma linha de chegada provisória que representa um processo contínuo e mutável.



Eu quero saber quem é que foi o grande otário / Que saiu aí falando que o mundo é binário, hein / Se metade me quer / E a outra também (pois é) / Dizem que não sou homem (xii) / Nem tampouco mulher / Então olha só, doutor / Saca só que genial / Sabe a minha identidade / Nada a ver com genital

O trecho acima pertence à canção “Pirigoza”, que pode ser encontrada no disco Pajubá (2017), de autoria de Linn da Quebrada. Na letra, percebe-se que Linn se dirige diretamente a um doutor. Há a representação de uma figura masculina que retrata a construção (ou destruição) médica acerca do corpo de mulheres cis e pessoas trans. Ela, em tom de deboche, desafia a lógica binária e violenta de que gênero está intrinsecamente conectado a genital, e não a como é performado e construído socialmente. Sofia Favero (2022, p. 43), aponta que existe uma performatividade que se dá dentro da clínica psicológica quanto a “imposição a demarcação compulsória de gênero de nascimento”. Tal performatividade, que vem de imposição compulsória e, na maioria dos casos, tem como consequência adoecimento psíquico, é raramente detectada pelos profissionais da área, que mantém como prática o gênero não como construído e performático, mas como uma estrutura imutável e inerente desde o nascimento. Uma “essência” (Linn reviraria os olhos, assim como eu). “Esquecemos que sexo e gênero são metáforas nossas, agudamente atravessadas por relações de poder e moralidade” (Favero, 2022, p. 43).

Se o corpo não é “morada provisória de algo superior” (Latour, 2008, p. 39), ele não é, portanto, um vaso sagrado que guarda dentro de si as cinzas de uma essência. O corpo é um vaso que racha, treme, deixa escorrer a terra que tem dentro, descasca, se pinta com novas cores e, através de suas quebras, pode até adquirir novos formatos. Se começar a tocar “Coytada”, do álbum Pajubá (2017), ele pode dar uns giros.

Na música “quem soul eu”, do álbum Trava Línguas (2021), Linn canta:

Muito prazer, eu sou a nova Eva / Filha das travas, obra das trevas / Não comi do fruto do que é bom e do que é mal / Mas dichavei suas folhas e fumei a sua erva / Muito prazer, a nova Eva / E eu quebrei / A costela de Adão

Na letra, Linn se apresenta enquanto a “nova Eva”, aquela que quebra não apenas a costela de Adão, mas reescreve a Bíblia. É a figura feminina há milênios condenada por sua busca ao conhecimento e por ser mulher. Assim como Sofia Favero descreve uma alternância de espaço para autoras trans no meio acadêmico, que passam de “pesquisadas” a “pesquisadoras”, a artista desloca Eva de uma posição de vítima condenada para autora da sua própria história. Quando perguntada sobre o que é ser a “nova Eva” em entrevista ao canal Fumaça, do YouTube⁶, em 2018,

6 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gx1GCyamUrM&t=1s>



Linn responde que é conseguir “falar sobre o presente”, “formar exército”, “ao invés de ser objeto de estudo que os homens escreveram sobre, a Eva é quem toma essa caneta e escreve a própria história. Seria a nova versão do Evangelho segundo Eva, talvez.” Pois então, que sejamos as novas Evas.

4 Conclusão provisória

Respiro com uma conclusão provisória para admitir que não há nem deve haver fim nas redes fortalecidas neste texto. Que possamos testemunhar protagonismos plurais e vozes diversas, bradando seus conhecimentos e podendo viver. Se nossas produções podem ter como efeito produzir realidades (Lomba, 2016), acredito que seja válido trazer o questionamento que Silveira e Conti fazem: “o que fazemos existir com a nossa escrita?” (2016, p. 09). Amplio para perguntar: o que fazemos existir com as nossas práticas a partir das realidades que experienciamos? Que realidades podemos construir? O que podemos destruir? Em “mate & morra” (Trava Línguas, 2021), Linn da Quebrada grita: “Mate em você / O macho branco, senhor de engenho / Colonizador, capataz / Que pensa sempre estar à frente / Mas vive para trás”. O que podemos matar nas psicologias para que outras realidades possam acontecer?

Sofia Favero propõe uma psicologia suja (2022) ao compreender que os processos higienistas colonizadores que assombraram os saberes das áreas da saúde e provocaram holocaustos não têm mais espaço dentro deste novo fazer, que é um fazerCOM (Arendt; Moraes; Tsallis, 2015). Uma psicologia suja, portanto, é a prática de poluir as forças hegemônicas e “abrir espaço para aprender com o desconforto, para abraçar a incoerência discursiva” (Favero, 2022, p. 83).

A proposta de convidar Linn da Quebrada para este trabalho surge a partir das minhas afetações com as suas falas e obras. Assim como Jota Mombaça (2016) assume uma postura de não colocar a obra sobre a qual escreve na condição de objeto a ser pesquisado, não tenho a intenção de realizar interpretações a partir das músicas citadas. Se me proponho a um fazerCOM (Moraes, 2010), convido a arte para dialogar com a psicologia em pé de igualdade. Não uma psicologia da arte, mas psicologia e arte, possibilitando arte como diálogo (Lomba, 2015). Acredito, então, que o trabalho de Linn possibilita que realidades antes apagadas apareçam e que outras possam existir, inclusive dentro das psicologias. Me identifico profundamente quando Favero (2020a, p. 93) diz que “geralmente prefiro me debruçar sobre produções artísticas de Linn da Quebrada, por exemplo”, a me deparar quase que exclusivamente com os homens-cis-hétero-brancos pais de abordagens durante cinco anos (no meu caso, um pouco mais) de graduação. Me deparar com uma autora/psicóloga/pesquisadora colocando esta frase em sua escrita foi um momento determinante



para a minha formação, momento este que ocorreu a partir da falta de perspectiva que sentia no campo de saberes psi que me era apresentado. Assumir a postura de fazerCOM, principalmente enquanto psicóloga, é ter um corpo disponível (Lomba, 2016) que se permite afetar e ser afetado na relação com o outro ou com alguma coisa.

Se vamos aderir a uma psicologia suja, por que não fazer bagunça? O autor John Law (2007) critica a postura intelectualmente higienizada e a limpeza metodológica presentes na ciência social contemporânea, que apresenta graves dificuldades em reconhecer a bagunça da qual o mundo é feito. Ele opta, portanto, em percorrer um caminho que persiste em bagunçar este método. Compreendo que se me proponho a um fazer ciência afetado, me colocar em uma posição hierárquica de superioridade perante a alguém ou algo que, de início, não pertença ou não tenha conhecimento sobre o campo de pesquisa no qual atuo não faz sentido. Bagunçar o método requer bagunçar as psicologias, bagunçar a cisgeneridade, bagunçar a branquitude. É bagunçar realidades que são colocadas enquanto hegemônicas e única possibilidade de existência. É entender que “Ela tem jeito, tem bunda, tem peito / E o pau de mulher!” (música “Mulher”, de Linn da Quebrada, lançada em 2017) e continua sendo mulher, é uma “trava feminina”.

O livro *Psicologia Suja* (Favero, 2022) apresenta, em suas primeiras páginas, um prefácio da atual presidenta do CRP (Conselho Regional de Psicologia), Céu Cavalcanti:

Ao iniciar estes escritos, inevitavelmente penso em uma foto da Cláudia Wonder emoldurada na parede do meu quarto de trabalho, e que faz fundo em todos os meus atendimentos virtuais, aulas, reuniões e atividades remotas. Muitas pessoas da psicologia, especialmente de uma certa leitura de uma certa clínica, acham por bem ter uma foto de Freud em seus consultórios. Curiosamente demorei um tempo a lembrar desse detalhe e a partir daí perceber que se a foto de Freud produz certa relação e mensagem, uma foto de uma imponente travesti sentada de pernas cruzadas, com um seio à mostra, um elegante robbie azul aberto, um cigarro em uma mão e uma pantera preta de porcelana ao lado também faz uma marcação que se presentifica como cenário tanto da minha clínica quanto de toda psicologia que possa se produzir em relação com esse quarto de trabalho (Cavalcanti, 2022, p. 09).

Talvez fazer existir realidades no fazerCOM exija atitudes mais simples do que se possa imaginar. Ao ler o trecho acima pela primeira vez, me imaginei na posição de pessoa atendida chegando para um atendimento e me deparando com o retrato de Cláudia Wonder descrito no fundo da sala da minha psicóloga. Para início de conversa, só a possibilidade de ter uma psicóloga travesti é uma quebra da imagem hegemônica construída acerca do corpo que se disponibiliza para realizar atendimentos. Para mim, chegar neste cenário já me traria uma sensação de acolhimento inicial, onde me sentiria mais à vontade para compartilhar as minhas sujeiras, permitir que a raiva e outros sentimentos que me fazem sentir vulnerável apareçam e simplesmente aproveitar com maior abertura aquele encontro.



Ter um retrato de Cláudia Wonder na sala de atendimento e ser uma psicóloga travesti não são os pré-requisitos para um bom encontro terapêutico, embora possam funcionar muito bem. Incorporar e apropriar-se de um papel de psicóloga no qual acredito é ter curiosidade sobre o outro, não o transformando em rato de laboratório, mas o percebendo enquanto agente/ator na relação que se dá. Perceber o atendimento enquanto encontro é permitir um fazerCOM, abrindo brechas para práticas terapêuticas que vão além de um divã e um analista de costas. Os encontros, influenciados também por um intelecto cunt, permitem um corpo de psicóloga disponível para a construção de uma relação de confiança, um espaço de acolhimento e sensação de segurança. Poder fornecer este espaço e sensações para populações marginalizadas possibilita a potencialização de nossas existências.

A partir deste texto, tenho como intenção experienciar a potência do encontro com os saberes sujos e não me limitar apenas com aquilo que é produzido dentro do meio acadêmico. A universidade, assim como os conhecimentos produzidos dentro deste espaço, é fundamental para o desenvolvimento de pesquisas que fazem existir realidades. Porém, não deve ser a única régua para legitimar saberes, pois ainda se constitui enquanto espaço de privilégio. Acredito que a arte, principalmente aquela produzida por corpos dissidentes, tem papel de extrema importância para os encontros que ocorrem inclusive dentro da clínica.

Anteriormente neste texto, me referi ao intelecto cunt enquanto conhecimentos de rede feitos por e para travestis, pois é assim que ele surge e somos nós as protagonistas. Porém, percebo que o intelecto cunt tem muito a agregar no nosso fazer psicologia para todas as pessoas, pois possibilita um fazer no transfeminino que envolve sensibilidade, presença e atenção às demandas que surgem na relação com o outro. A ideia de exaltar autoras travestis é uma tática de trazer para a universidade as experiências que tive aprendendo com as minhas ancestrais, e foi o que me salvou.

Durante anos dentro da graduação, me senti perdida e em diversos momentos questioneei se a minha presença neste espaço era válida. Teria um futuro para mim aqui? Onde estão as outras? Infelizmente, o curso não me ofereceu tal encontro, mas ao me deparar com artistas e autoras que compartilham experiências e sentimentos semelhantes, pude enxergar uma luz no fim do túnel. Assim como quando, pelas belas palavras da minha orientadora Debora Lomba, me apaixonei pela TAR e por suas propostas de um novo fazer psicologias. O diálogo entre estas autoras e artista é de infinita relevância para mim, pois acredito que, através destas redes inéditas, possamos refletir e praticar uma atuação e performance baseada no acolhimento de pessoas que pouco vivenciam um espaço seguro. É nos disponibilizarmos não apenas para o erro, mas para o que pode ser feito a partir dele para que uma relação de confiança seja estabelecida. Termos humildade, pois os



encontros serão múltiplos e diversos, sem manual de instrução para os imprevistos, mas conectadas com nossas sensações. Termos humildade. Afinal, o corpo de uma psicóloga é humano.

Que eu possa, através destas breves páginas, ter provocado um por cento da faísca que Sofia Faveiro, Jaqueline Gomes de Jesus, Jota Mombaça, Viviane Vergueiro, Letícia Nascimento, Debora Lomba, Marcia Moraes, Judith Butler, Beatriz Bagagli, Annemarie Mol, Bruno Latour, John Law e, principalmente, Linn da Quebrada provocam em mim. Que possa ser refúgio e presente.

Linn, em entrevista ao canal Nexo Jornal⁷, nos convida a refletir sobre a palavra Deus, que é composta por “eus”. Ela relata que durante o seu processo de desassociação da igreja que frequentava enquanto Testemunha de Jeová, provocado pela sua sustentação em não performar uma masculinidade imposta, precisou reinventar Deus. Afinal, precisava de um Deus que também acreditasse nela. Assim como eu escrevo porque preciso de uma psicologia que acredite em mim.

Referências

ARENDT, R; MORAES, M; TSALLIS, A. Por uma psicologia não moderna: o Pesquisar como prática meso-política. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 15, n. 4, p. 1143-1159, 2015.

ANTUNES, P. P. S. *Travestis envelhecem?* 2010.

BAGAGLI, B. P. Máquinas discursivas, ciborgues e transfeminismo. *Revista Gênero*, v. 14, n. 1, 2013.

BENEVIDES, B(orgs.). 2024, *Dossiê Assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2023*. São Paulo: Expressão Popular/ANTRA/IBTE, 2024.

BUTLER, J. *Relatar a si mesmo*. São Paulo: Autêntica, 2015.

CANTERO-SÁNCHEZ, M. Notas para una supervivencia feminista/ Asombro feminista. *Nomadias. Feminista*, n. 28, p. 107-126, 2019.

JESUS, J. G; ALVES, H. Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais. *Revista Cronos*, v. 11, n. 2, 2010.

JESUS, J. G. *Gênero sem essencialismo: feminismo transgênero como crítica do sexo*. *Universitas humanística*, v. 78, n. 78, 2014.

DIATV. Linn da Quebrada conta tudo e mais um pouco sobre o BBB, expectativas e muito mais! | DiaCast. YouTube, 05 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6Q8Q5NwQa34&t=1074s> Acesso em: 15 de junho de 2024.

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W17OoImPFV4>



FAVERO, S. *Pajubá-terapia: ensaios sobre a cisnorma*. Porto Alegre: Nemesis Editora, 2020a.

FAVERO, S. Por uma ética pajubariana: a potência epistemológica das travestis intelectuais. *Equatorial–Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, v. 7, n. 12, p. 1-22, 2020b.

FAVERO, S. *Psicologia suja*. Editora Devires, 2022.

FILMES, YouTube. *Bixa Travesty*. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=76-Up6y7Axw> Acesso em: 17 de junho de 2024.

FUMAÇA. *Linn da Quebrada sobre gênero, pessoas trans e ativismo* (Entrevista). Youtube, 18 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gx1GcyamUrM> Acesso em: 15 de junho de 2024.

GNT, Canal. *Linn da Quebrada fala sobre as várias personagens que criamos para nos proteger* | Mini Saia. YouTube, 24 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KnKxTgPaiLE> Acesso em: 15 de junho de 2024.

JESUS, J. G. *O conceito de heterocentrismo: um conjunto de crenças enviesadas e sua permanência*. Psico-USF, v. 18, p. 363-372, 2013.

LATOUR, B. *Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. Objectos impuros: experiências em estudos sobre a ciência*, v. 10, n. 2004, p. 39-61, 2008.

LATOUR, B. Redes, sociedades, esferas: reflexões de um teórico ator-rede. *Informática na Educação: teoria & prática*, v. 16, n. 1, 2013.

LAW, J. *Making a mess with method*. The Sage handbook of social science methodology, p. 595-606, 2007.

LAW, J. *Organising modernity: Social ordering and social theory*. John Wiley & Sons, 1993.

LOMBA, D. E. N. O que pode o corpo de uma psicóloga?. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v. 11, n. 1, p. 135-146, 2016.

LOMBA, D. E. N. Um diálogo entre a teoria ator-rede e a proposta artística de Hélio Oiticica: o que a psicologia tem a ver com isso?. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 15, n. 4, p. 1258-1275, 2015.

LINN DA QUEBRADA. *A Lenda*. In: Pajubá. 2017.

LINN DA QUEBRADA. *Bixa Travesty*. In: Pajubá. 2017.

LINN DA QUEBRADA. *dispara*. In: TRAVA LÍNGUAS. 2021.

LINN DA QUEBRADA. *Enviadescer*. In: PAJUBÁ. 2017.

LINN DA QUEBRADA. *mate & morra*. In: TRAVA LÍNGUAS. 2021.

LINN DA QUEBRADA. *Mulher*. 2017.



LINN DA QUEBRADA. *Pirigoza*. In: Pajubá. 2017.

LINN DA QUEBRADA. *quem soul eu*. In: TRAVA LÍNGUAS. 2021.

MEINHART, M; SCHMIDT, S. Linn da Quebrada: a importância do narrar-se para a constituição identitária no imaginário social. *Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade*, v. 10, n. 22, p. 449-458, 2023.

MOL, A. Política ontológica: algumas ideias e várias perguntas. *Objectos impuros: experiências em estudos sobre a ciência*. Porto: Afrontamento, p. 63-75, 2008.

MOMBAÇA, J. Rastros de uma submetodologia indisciplinada. *Revista Concinnitas*, v. 1, n. 28, p. 334-354, 2016.

MORAES, M. Pesquisar: verbo ou substantivo? Narrativas de ver e não ver. *Pesquisas e práticas psicossociais*, v. 6, n. 2, p. 174-181, 2011.

NASCIMENTO, L. C. Transfeminismo: As Vozes Do Traviar. Notícias, Revista *Docência e Ciberultura*, Janeiro de 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/announcement/view/1577> Acesso em: 15 de junho de 2024.

NEXO JORNAL. A música e os corpos políticos, com Linn da Quebrada. YouTube, 17 de maio de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W17OoImPFV4> Acesso em: 09 de outubro de 2025.

RIBEIRO, M. Interromper o espetáculo: o gesto político e estético das emoções. *PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*, v. 13, n. 27, p. 49-72, 2023.

SANTOS, H. C. *A transnacionalização da cultura dos Ballrooms*. 2018. Tese de Doutorado. [sn].

SOUSA, P. F. O. *Corpos dissidentes em uma sociedade individualizada: um estudo da Cultura Ballroom*. 2023.

SILVEIRA, M; CONTI, J. Ciência no feminino: do que é feita a nossa escrita?. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v. 11, n. 1, p. 53-68, 2016.

SIMAKAWA, V. V. Considerações Transfeministas sobre Linguagem, Imaginação e Decolonialidade: A Identidade de Gênero como Categoria Analítica. *Cadernos de linguagem e sociedade*, v. 21, n. 2, p. 452-471, 2020.

STENGERS, I. A ciência no feminino. *Revista 34 Letras*, v. 5, n. 6, p. 427-431, 1989.

URIAS. *Cuntelecual*. In: HER MIND. Mataderos, 2023.

